

## História da Gata Borralheira

I

Como uma rapariga descalça a noite caminhava leve e lenta sobre a relva do jardim. Era uma jovem noite de Junho, a primeira noite de Junho. E debruçada sobre o tanque redondo ela mirava extasiadamente o reflexo do seu rosto.

Do jardim via-se a casa, uma casa grande cor-de-rosa e antiga que, toda iluminada nessa noite de festa, espalhava no jardim luzes, brilhos, risos, música e vozes. A luz recortava o buxo dos canteiros e a música misturava-se com o baloiçar das árvores.

Pelas janelas abertas avistavam-se pares dançando e vestidos claros de raparigas, vestidos que flutuavam entre os passos e os gestos. Vultos de namorados passavam entre as cortinas e vinham apoiar-se no peitoril das janelas, inclinados sobre a noite. Às vezes um riso mais agudo cortava, como um pequeno punhal, a água lisa dos tanques.

Vistas do jardim essas coisas pareciam feéricas e irreais. Delas subia, perante a alegria serena da noite, uma alegria rápida e agitada, desgarrada e passageira, um pouco triste e cruel.

Lúcia tinha dezoito anos e era este o seu primeiro baile. Tinha vindo com a tia que era sua madrinha.

Seguida, por Lúcia, a tia atravessou a grande entrada iluminada e, com os brincos a tilintar, avançou para os donos da casa que estavam de pé à porta da primeira sala.

Falaram-se e beijaram-se e, enquanto se falavam e beijavam, Lúcia, um pouco entontecida por tantas caras desconhecidas e tantos vestidos de tantas cores e pela profusão de vozes e flores e luzes e perfumes, tudo

para ela confusamente próximo demais e acumulado demais, só pôde ver que o vestido da dona da casa era azul e que a cara do dono da casa era encarnada amável como uma maçã polida.

– Esta é a minha sobrinha Lúcia. É filha do meu primo Pedro – disse a tia.

A dona da casa sorriu com um ar um pouco ausente, beijou Lúcia e respondeu:

– Conheci muito bem o seu Pai. Mas há muito tempo que não o vejo.

– Ah, é a filha do Pedro – exclamou o dono da casa com ar caloroso.

E reafirmou:

– Conhecemos muito bem o seu Pai. Ainda é meu parente, como está ele?

– Agora está bem, muito obrigado. Mas este Inverno esteve doente.

– Doente? Mas que maçada! – comentou o dono da casa, já distraído de Lúcia e sorrindo a outros convidados que chegavam.

A dona da casa chamou a sua filha que sorriu, deu um beijo a Lúcia e a levou para a sala de baile.

A grande sala estava cheia de gente dançando, pares que se multiplicavam nos enormes espelhos esverdeados. Ao fundo um grupo de músicos tocava. Pelas janelas abertas entravam os perfumes do jardim. As cortinas inchavam-se de brisa.

A filha da dona da casa apresentou Lúcia às amigas. Estas falaram-lhe com um ar alheio e sorriram com ar indiferente. Depois continuaram as suas conversas como se ela não estivesse ali. Falavam muito depressa, em

frases um pouco incompreensíveis e entrecortadas, batiam as pestanas e sacudiam os cabelos.

Lúcia olhava-as com um misto de temor e fervor. Pareciam-lhe todas bonitas, animadas por uma vida rápida e segura, e tinham faces rosadas como um fruto e um agudo brilho nas vozes metálicas.

A música parou, os pares desfizeram-se, outras raparigas acompanhadas por rapazes vieram reunir-se ao grupo onde a filha da dona da casa estava.

Lúcia tentou seguir a conversa. Fez uma pergunta mas ninguém lhe respondeu.

A música começou outra vez a tocar, os rapazes convidaram as raparigas para dançar e o grupo desfez-se.

Lúcia ficou sozinha. Ninguém a tinha convidado para dançar.

Encostou-se à umbreira de uma porta. Pararam perto dela uma rapariga vestida de azul e uma rapariga vestida de branco, que a olharam de alto a baixo, com ar misto de troça e dúvida.

E ela ouviu a rapariga vestida de azul perguntar a meia-voz à rapariga vestida de branco:

– Quem é esta?

E a rapariga vestida de branco respondeu:

– Sei lá!

E ambas poisaram nela um olhar duro como se Lúcia fosse uma intrusa e elas a quisessem pôr fora da sala, empurrando-a com o olhar. Como se elas, afirmando não saber quem ela era, a atirassem para o mundo das coisas inexistentes.

Lúcia fingiu não ter ouvido. Surgiram dois rapazes que convidaram a rapariga branca e a rapariga azul para dançar.

Lúcia continuou sozinha, encostada à porta. Aquela sala cheia de gente, de luzes e de música pareceu-lhe um lugar belo e desejável mas onde não havia lugar para ela.

E passaram três raparigas que a olharam de relance e se afastaram conversando entre si.

– Estão a falar de mim. – pensou Lúcia.

Continuava encostada à porta. Olhou em redor procurando um lugar onde estivesse menos exposta à vista de todos. E viu do outro lado da sala uma cadeira vazia perto de uma janela aberta, meia escondida pela cortina.

– Vou-me sentar ali – pensou.

Mas tinha de atravessar meia sala. No caminho passou em frente de um espelho e olhou-se. Mais uma vez verificou quanto o seu vestido era feio.

Era um vestido que lhe tinha sido dado pela tia que era sua madrinha.

Oito dias antes, a madrinha tinha aparecido em casa de Lúcia.

– Lúcia – disse ela – de hoje a uma semana vens comigo a um baile.

– Mas não tenho vestido de baile – exclamou Lúcia.

– Eu tenho um meu que se pode arranjar para ti. Amanhã vem almoçar comigo.

No dia seguinte Lúcia foi almoçar com a tia. Mal ela chegou a tia levou-a ao quarto dos armários e tocou para chamar a costureira.

– Abre aquele armário – disse a madrinha à criada, apontando com o dedo.

A criada abriu o armário e surgiu uma fileira de vestidos de baile pendurados em cabides.

– Tira aquele vestido – mandou a madrinha apontando com o dedo.

A criada despendurou do armário o vestido e segurou o cabide com o braço erguido.

O vestido era de seda lilaz.

– Está novo – declarou a madrinha – mas engorda-me.

Lúcia achou o vestido muito feio e balbuciou com cuidado:

– Lilaz fica-me mal.

– Na tua idade tudo fica bem – respondeu a madrinha. – Despe-te para a costureira ver como se há-de arranjar.

Lúcia despiu-se e enfiou rápida o vestido.

A porta do armário era forrada de espelho. E nesse espelho ela viu-se de cima abaixo e achou o vestido ainda mais feio. Tornou a murmurar:

– A cor não me fica bem.

– Esta cor é para ser vista à luz eléctrica – explicou a tia.

Lúcia não ousou dizer mais nada.

A costureira começou a marcar o vestido com alfinetes e a passar alinhavos.

– No dia do baile tens que pôr saltos altos – disse a madrinha. – Põe-te em bicos dos pés para se calcular a altura.

– Não tenho sapatos de saltos altos – respondeu ela. Mas a tia, distraída, não ouviu.

Lúcia pôs-se em bicos dos pés e, enquanto a costureira media a bainha, espetava alfinetes e passava alinhavos, olhava duvidosa a própria imagem.

Sempre sonhara ir a um baile. Apetecia-lhe apaixonadamente ir àquele baile.

A sua vida, entre o pai viúvo e arruinado, os dois irmãos, as velhas criadas faladoras, o jardim inculto, cheio de musgos e ervas selvagens, não era uma vida triste mas uma vida monótona e modesta. Às vezes, no colégio, algumas das suas amigas falavam de um mundo de festas e divertimentos, um mundo onde tudo era fácil e todas as pessoas eram ricas. Agora, aquele baile era para ela a porta aberta para esse outro mundo. Não podia perder o convite, não podia deixar que a porta se fechasse. Com cautela, tentou insinuar na tia a ideia de um outro vestido. Disse:

– Gosto muito do seu vestido. É lindo. Mas, a um primeiro baile, é costume ir com um vestido branco.

– Branco ou cor-de-rosa – atalhou a tia – e este lilaz é quase cor-de-rosa. À noite entre lilaz e cor-de-rosa quase nem se distingue.

Lúcia compreendeu que não havia nada a fazer neste capítulo e que o pior de tudo seria não ir ao baile. Não disse mais nada e, mal saiu da casa da tia, começou a percorrer as sapatarias da cidade. Mas os sapatos de baile eram todos terrivelmente caros.

– Que hei-de eu fazer? – pensou.

Em casa fez uma busca ao sótão.

No sótão havia de tudo: cadeiras desmanteladas, candeeiros de petróleo de outros tempos, revistas antigas, livros roídos pelos ratos, frascos vazios, uma caixa com leques, uma mala com sapatos.

Lúcia procurou nessa mala e descobriu uns sapatos de salto alto que, embora um pouco largos, lhe serviam.

Mas estavam fora de moda e em mau estado com o forro de seda azul roto nas biqueiras e aqui e além manchas de bolor.

Lúcia limpou-os o melhor que pôde mas pouco melhoraram.

– Como o vestido é comprido – calculou ela – não se vêem os sapatos.

E, quando na véspera do baile a costureira trouxe o vestido, Lúcia enfiou-o logo, calçou os sapatos e constatou que a saia tocava bem no chão e que ninguém veria como ela estava calçada.

O único perigo era o facto de os sapatos estarem um pouco largos.

– Tenho de caminhar com cuidado – pensou ela.

Mas agora, ali, na sala de baile, escondida atrás de um grupo de pessoas e voltada para o espelho murmurou:

– Era melhor não ter vindo.

O espelho era antigo e tinha um fundo embaciado, manchado e verde onde Lúcia se via como uma afogada boiando numa água sinistra.

– Estou pálida – constatou – preciso de pôr mais rouge.

Resolveu ir ao quarto de vestir. Indagou onde ficava, explicaram-lhe que no andar de cima, à esquerda.

Saíu da sala de baile, atravessou a entrada, subiu a escada. Mas a meio da escada fugiu-lhe o sapato do pé direito. Olhou com terror em sua roda. Ninguém tinha visto.

– Tenho que caminhar com cuidado – suspirou.

No quarto de vestir estavam três raparigas a pentear-se em frente do espelho. Não a viram entrar. Conversavam umas com as outras mas cada uma olhava o seu reflexo. Diziam:

– Quem é aquela rapariga com um horrível vestido lilaz?

– Não sei. Pensei que já não havia ninguém capaz de se vestir de lilaz.

– Coitada, tenho pena dela. Deve ver um vestido emprestado.

– Vocês são más e snobonas. O vestido é feio mas ela é bem bonita – atalhou a terceira rapariga que tinha estado calada.

– Talvez fosse bonita se estivesse vestida de outra maneira. Assim... Mas Lúcia não ouviu mais.

Receu com cuidado e saiu sem fazer barulho, esperando não ser vista.

– Para que vim eu a este baile? – pensou. – Aqui o meu vestido é uma espécie de anti-passaporte que me proíbe a passagem para o mundo deles.

Desceu a escada. Na entrada parou em frente de um grande espelho de moldura dourada, pendurado por cima de um tremó. Estava ainda mais pálida agora. Abriu a carteira e, rapidamente, pôs um pouco mais de rouge nos dois lados da cara.

Então, no fundo do espelho, atrás da sua cara, viu, descendo a escada, a terceira rapariga. Era loira, não alta mas esguia e tinha um ar aéreo. O vestido de chiffon cor-de-rosa pálido dançava em redor de seus passos.

Lúcia fingiu não a ver mas a rapariga avançou, parou ao seu lado em frente do espelho, sorriu e disse:

– Não se veja nesse espelho. Faz muito má cara.

Lúcia perplexa murmurou:

– Pois é, talvez...

A sua pele é linda e branca – atalhou a rapariga, e, ali, parece cinzenta. É melhor não olhar para lá.

Pairou um silêncio. Alguém que passava chamou a rapariga. Ela, sem se mover, respondeu:

– Vou já.

Depois hesitou um instante, sorriu de novo e, olhando Lúcia, continuou:

– Sabe... é preciso não dar importância a este género de espelhos. São como as pessoas más, não dizem a verdade.

– Pois, pois é – concordou Lúcia tentando entrar no imprevisto tom da conversa.

– Sabe – e a rapariga tomou um ar ausente como se falasse sozinha – não sabemos ao certo o que querem os maus reflexos, os maus olhares, as más palavras. Talvez a perdição da nossa alma. E temos que manter nossa alma livre.

– Pois é – concordou Lúcia espantada.

– É – rematou a rapariga.

Depois, voltou a sorrir, sacudiu os cabelos e disse:

– Tenho de ir, até já.

E afastou-se.

As palavras da rapariga, estranhas e entrecortadas, deixavam no ar algo inacabado. Algo suspenso.

«Que queria ela dizer?» - perguntou Lúcia a si própria.

«Será que percebeu que eu ouvi a conversa no quarto de vestir e me quis consolar? Ou será que não compreendi nada? Será que ela estava a falar numa linguagem do grupo dela, que eu não entendo? Ou será que estava só a dizer frases esquisitas para se fazer interessante?»

Sentia-se confusa e irritada, desconfiava da simpatia da rapariga e daquela conversa súbita e, de certa forma., estranha. Suspeitava qualquer armadilha. Mas, ao mesmo tempo, obscuramente, parecia-lhe que a rapariga a tentara ajudar a defender-se de algum perigo que ela não queria ver.

Enquanto se interrogava tinha chegada ao limiar da sala de baile. A cadeira ao pé da janela, semi-escondida pela cortina, continuava vazia.

Lúcia contornou os pares que dançavam e foi sentar-se ali.

Sobre os seus ombros passava o perfume do jardim: cheiro a madressilva e erva cortada, frescor de humidade nocturna.

Alguém passou ali perto e disse:

– Que bonita festa!

Lúcia olhou: era uma bonita festa. Luzes, música, flores. Mas eram os vestidos que acima de tudo a deslumbravam. Nunca tinha imaginado que pudessem existir vestidos tão maravilhosos. Vestidos estreitos e esguios, vestidos flutuantes que esvoaçam ao sabor dos gestos, vestidos rodados como corolas brilhantes de enormes flores. Intensamente atenta, Lúcia admirava-os, invejava-os, mirava cada pormenor, fixava a eficácia de cada feitio.

– Se um daqueles vestidos, o azul ou o branco, pudesse ser o meu!

— Murmurou.

De súbito irritou-se. Levantou-se e, virando as costas à sala, debruçou-se sobre o jardim.

A noite poisou a sua mão fresca sobre a sua cara afogueada.

Ficou assim alguns instantes. Quando de novo se virou para a festa, viu perto dela, a filha da dona da casa. Estava a dançar com um rapaz alto, bonito, moreno.

O rapaz ao passar viu Lúcia atrás da cortina. Inclinou-se para a ver melhor e sorriu. Depois disse qualquer coisa à filha da dona da casa. A rapariga olhou para o lado, reconheceu Lúcia, sorriu e, sorrindo-lhe, respondeu ao rapaz.

– Estão a rir-se de mim – calculou Lúcia. Mas quando a música acabou a filha da dona da casa, seguida pelo rapaz, avançou para a janela.

Lúcia fingiu não os ver e olhou para o jardim.

Mas a rapariga parou em frente dela e perguntou:

– Está a ver o jardim?

Depois, sem esperar resposta apresentou-lhe o rapaz e deixou-os.

O rapaz encostou-se à janela.

Lúcia não sabia o que havia de dizer. Por fim murmurou:

– Estava a ver a noite.

– Vamos continuar a ver a noite – respondeu ele.

E virando as costas à sala debruçou-se sobre o jardim, respirou fundo e exclamou:

– Cheira bem, cheira a erva cortada, a buxo, a tílias, a madressilva.

– É – aprovou Lúcia debruçando-se também na janela.

– Tudo parece tão misterioso: o brilhar do luar entre as sombras e as folhas das árvores, o reflexo da lua no lago. O lago parece um espelho. É uma noite mágica.

– Está lindo – murmurou Lúcia um tanto perplexa.

– Ainda é Primavera e já é Verão. As noites, neste tempo do ano, são uma maravilha, apetece vivê-las minuto a minuto, não perder nem um instante delas, nem um suspiro da brisa.

– É maravilhoso – aprovou Lúcia tentando mais uma vez captar o estilo da conversa.

Houve um longo silêncio.

De súbito o rapaz acordou da contemplação e com um leve arrebatamento perguntou:

– Estas noites assim não a assustam?

– Assustar? Porquê?

– Tanto azul, tantos brilhos, brisas, perfumes, parecem a promessa de uma vida deslumbrada que é a nossa verdadeira vida. Mas, ao mesmo tempo, há nessas noites uma angústia especial – há no ar o pressentimento de que nos vamos despistar, nos vamos distrair, nos

vamos enganar e não vamos nunca ser capazes de reconhecer e agarrar essa vida que é a nossa verdadeira vida.

Lúcia hesitou, suspeitosa. Duvidava simultaneamente do estilo da conversa e do seu próprio entendimento. O rapaz parecia-lhe tonto e lunático. Compreendeu que não poderia dizer que para ela a verdadeira vida seria estar naquele baile com um vestido lindíssimo. Essas coisas não se dizem. Por isso respondeu:

– Pois é, está uma noite extraordinária.

Mas, depois, abruptamente perguntou:

– Porque é que me diz essas coisas? Não me conhece, não sabe como eu sou.

– Porque você estava a olhar para a noite em vez de estar a olhar para os vestidos.

– Como é fácil enganar – pensou Lúcia.

Não respondeu nada mas abriu um grande sorriso.

O rapaz perguntou:

– Quer dançar?

– Não sei dançar – respondeu ela duramente.

O rapaz tornou a sorrir e disse:

– É fácil, eu ensino-lhe.

Tomou-lhe a mão para a ajudar a levantar-se e guiou-a para o lugar da dança.

Começaram a dançar. Lúcia tropeçava nos próprios passos. Tornou a dizer:

– Não sei dançar.

E acrescentou:

– É melhor pararmos.

Mas ele continuou a dançar, olhou-a, sorriu de novo e disse:

– Não faz mal. Eu gosto de dançar consigo mesmo que dance mal.

O rosto de Lúcia iluminou-se. Não era só o elogio daquele rapaz bonito que a alegrava. Era posta nela, a atenção de alguém que pertencia ao mundo do brilho e poder onde ela queria penetrar.

Deixou de tropeçar, começou a seguir a música, sorriu inclinando a cabeça para o lado.

Mas foi então que a coisa mais temida aconteceu.

Estavam agora dançando no meio da sala, precisamente no meio da sala, debaixo do lustre, quando o sapato esquerdo escorregou do pé de Lúcia. Ela sentiu-o escorregar mas, levada pelo movimento da dança, não conseguiu parar logo para o segurar. Olhou e viu o sapato separado de si no meio da sala. Ia a dizer: – É meu – quando uma rapariga começou a rir e perguntou:

– O que é aquilo? Mas o que é aquilo?

Lúcia calou-se.

Várias pessoas olharam. Riam. As palavras cruzavam-se no ar.

– Um sapato!

– Todo roto!

– De quem será?

– Não é de ninguém. É uma partida?

– Quem terá tido esta ideia?

– Que ideia fazer partidas de carnaval em Junho!

– Talvez não seja partida. Talvez seja de alguém que o perdeu.

– Ninguém é capaz de vir para um baile com um sapato daqueles.

O sapato estava miserável. Com os movimentos do pé de Lúcia, a seda do forro tinha rebentado na biqueira e no salto.

Algumas pessoas não viam ou fingiam não ver mas outras olhavam, comentavam.

Lúcia dançava muito direita em equilíbrio na ponta do pé descalço que o vestido comprido escondia.

Quando a música acabou e os pares abandonaram o espaço da dança o sapato ficou sozinho no centro da sala, esfarrapado e miserável sobre o chão polido.

Lúcia e o rapaz tinham-se sentado num sofá. Ela não sabia se ele tinha ou não tinha compreendido que o sapato era dela. Não ousava encará-lo.

A dona da casa chamou um criado e murmurou qualquer coisa.

O criado foi buscar as pinças que estavam penduradas ao lado do fogão e agarrou com elas o sapato e levou-o.

A música recomeçou a tocar.

O rapaz perguntou qualquer coisa a Lúcia mas ela só respondeu:

– Tenho sede.

– Vou-lhe buscar uma bebida – disse ele.

Levantou-se e saiu pela porta da esquerda.

– Compreendeu que o sapato era meu – pensou ela – e arranjou uma maneira de se ir embora.

Uma das raparigas que conhecera no princípio da noite veio sentar-se junto dela: olhou Lúcia na cara e perguntou-lhe com ar trocista:

– De quem seria o sapato?

– Não sei – disse Lúcia.

– Eu sei — respondeu a rapariga.

E, rindo, arrastou-se e dirigiu-se para um grupo de amigas.

– Tenho de sair daqui depressa, depressa – murmurou Lúcia.

Levantou-se e saiu da sala.

A entrada estava vazia. Já tinha acabado a hora das chegadas e ainda não tinha começado a hora das partidas.

Perto da escada havia uma porta aberta que dava para um quarto pouco iluminado. Lúcia espreitou: era uma pequena sala vazia. Entrou e fechou a porta atrás de si.

Mas então viu que o lado de dentro da porta, o lado que dava para o interior da pequena sala, era, de cima a baixo, forrado de espelho. E nesse espelho ela viu-se toda, pálida, com o vestido detestado escorrendo desde os ombros até aos pés.

Recuou em frente do seu reflexo. Procurou na sala um lugar onde se pudesse esconder da sua imagem. Sentou-se na cadeira que ficava à esquerda e sentou-se no sofá que ficava à direita. Mas em toda a parte o espelho a via. O seu olhar frio e brilhante fitava o vestido lilaz.

Lúcia olhou em redor. Em frente da porta por onde tinha entrado outra porta abria para a varanda.

– Acolá ninguém me olha – calculou ela.

E refugiou-se na varanda.

Dali via-se o interior da sala de baile cujas janelas estavam abertas.

E, lá dentro, no meio das danças e das pessoas, ela avistou o rapaz com quem dançara. Estava parado em frente do sofá onde ambos tinham estado sentados. Trazia na mão um copo e parecia procurar alguém.

– Está à minha procura – constatou Lúcia.

O rapaz percorreu a sala toda com o olhar, e depois aproximou-se da rapariga que momentos antes perguntara a Lúcia se ela sabia de quem era o sapato. O rapaz disse-lhe qualquer coisa com a expressão e o gesto de quem pergunta.

Lúcia não podia dali ouvir nem a pergunta nem a resposta. Mas viu que a rapariga ria muito e sacudia a cabeça enquanto respondia. O rapaz afastou-se dela com gestos um pouco incertos e ficou isolado num canto da sala, com o copo na mão.

– Ele perguntou-lhe onde eu estava. Ela deve ter respondido: «Foi à procura do sapato». Ele agora sabe que o sapato era meu e tem dó de mim – pensou Lúcia.

E mesmo sozinha corou de vergonha.

Afastou-se do lugar onde estava e sentou-se num canto sombrio onde havia um banco.

Apoiou o cotovelo no frio parapeito de pedra da varanda, apoiou o rosto na sua mão e mergulhou o olhar na onda escura da noite.

– Que hei-de eu fazer, que hei-de eu fazer? – murmurou.

Começou a imaginar que era ela própria e estava naquele mesmo dia, naquele mesmo baile, mas que tinha um maravilhoso vestido, o mais belo vestido que havia no baile. E quando ela passava, as pessoas murmuravam: – Que vestido maravilhoso! – Ouviu o roçar leve do vestido pelo chão e viu a sua imagem brilhando nos espelhos.

Sussurrou:

– Mas como?

Então lembrou-se:

Naquele ano, no dia em que fizera dezoito anos, a madrinha tinha-lhe dito:

– Lúcia, tens dezoito -anos, é preciso pensar no teu futuro. Não conheces ninguém, não és convidada para nada, andas vestida como uma pobre. Vem viver comigo que sou tua madrinha e não tenho filhos. Se vieres viver comigo; eu dou-te todas as coisas de que precisas.

– Não posso deixar o meu pai e os meus irmãos! – disse Lúcia.

– Bem – respondeu a madrinha. – Viver é escolher. Tu escolhes ficar com o teu pai. Mas o meu convite fica em aberto. Se um dia escolheres um caminho diferente, vem viver comigo.

Lúcia ficou a viver com o pai e os irmãos.



Mas agora, ali, com a cara encostada à pedra fria da parede, com o olhar mergulhado no escuro da noite, lembrou-se de convite que lhe fora feito e murmurou:

– Tenho de escolher outro caminho. Tenho de ir viver com a minha madrinha.

Mas algo nela hesitava: deixar a sua casa, aqueles que a amavam, deixar a doce liberdade familiar – entre a aérea distração do pai, os irmãos descendo como bólides pelo corrimão, o desleixo das criadas velhas, os quartos onde o papel se descolava da parede, a sala onde a seda dos cortinados se esgarçava e trocar tudo isso, que era quente, vivo e livre, pela minuciosa tirania da tia rica e pelos seus discursos de prudência e cálculo, era difícil. Mas ela não queria renunciar ao outro caminho.

Lembrou-se da rapariga vestida de cor-de-rosa. «Que tinha ela dito?», perguntou Lúcia a si própria. «Que era preciso não se importar». Mas ela, Lúcia, não queria não se importar. Aquele baile, aquela gente que a ignorara e humilhara era o mundo que ela decidira escolher. Aqueles eram os vestidos, os sapatos, as jóias que ela queria possuir. Aquele o poder que desejava.

Poisou as mãos sobre a pedra fria do corrimão da varanda e murmurou:

– Tenho de escolher outro caminho. Um dia hei-de voltar aqui com um vestido maravilhoso e com sapatos bordados de brilhantes.

## II

Daí a dias Lúcia foi viver com a tia.

Iniciou então o seu novo caminho. Passou a ter tudo que antes não tinha.

O mundo tem um preço e Lúcia pagou o preço do mundo. Onde antes encontrara desprezo agora encontrava triunfo. Todas as coisas lhe eram oferecidas como por mãos invisíveis. Era como se ela tivesse penetrado num palácio mágico onde tudo a servia, tudo lhe obedecia.

A partir do dia da escolha, o seu êxito tomara-se mecânico. Ela nem precisava quase de lutar por ele, ele aparecia-lhe, tudo o suscitava. Era como se nela agora houvesse uma fatalidade de triunfo.

Casou com um homem rico que depois de ter casado com ela se tornou cada vez mais rico. A sua beleza crescia de ano para ano, novos amigos a procuravam todos os dias. Na sua vida não havia nenhuma sombra senão a memória do antigo baile, do primeiro baile a que tinha ido.

Tinha o vestido de seda lilaz embrulhado em papel de seda, guardado dentro de uma caixa, escondida dentro de uma gaveta.

Mas, às vezes, Lúcia fechava-se à chave, sozinha, no seu quarto e tirava a caixa da gaveta e o vestido da caixa.

Depois estendia o vestido lilaz em cima da sua cama e olhava-o longamente e pensava:

– Preciso de queimar este vestido.

E assim passaram vinte anos. Também o tempo parecia servir Lúcia. Ela tinha embelezado sempre mais. O oval da sua cara agora era mais fino, os seus traços mais desenhados, os seus gestos mais perfeitos, a sua voz mais equilibrada e serena.

E nesse vigésimo ano em certa manhã de Maio, Lúcia recebeu um convite. Um convite para um baile no primeiro dia de Junho. Um baile na mesma casa onde ela, vinte anos antes, tinha ido com um vestido lilaz; feio e fora de moda.

Sorriu e lembrou-se da frase que então dissera:

– Um dia hei-de voltar aqui com um vestido maravilhoso e com sapatos bordados de brilhantes.

Aquele convite para um baile, na mesma casa, na mesma noite de Junho era como um encontro marcado pelo destino. E pareceu a Lúcia que era preciso que agora ela fosse àquele baile para com o seu triunfo, o seu sucesso presente, apagar, até ao último vestígio, a memória da humilhação ali antes sofrida. Era preciso que ela, como a madrastra da Branca Flor, pudesse naquela noite perguntar a todos os espelhos da casa:

- Dizei-me espelhos, qual ti a mais bela, a mais perfeita, a mais rica de triunfo, aquela que está em seu reino mais segura?

E era preciso que todos os espelhos, até de madrugada, lhe respondessem:

– Tu.

Daí a tempos, no círculo onde Lúcia vivia, começou a correr uma notícia estranha: dizia-se que Lúcia mandara fazer uns sapatos bordados de brilhantes verdadeiros.

Mas ninguém acreditou que isto fosse de facto verdade. A história pareceu fantástica demais.

O mês de Maio, trémulo de brisas, foi contando um por um os seus dias e no primeiro dia de Junho, à noite, depois do jantar, antes do baile, Lúcia fechou-se à chave no seu quarto.

Depois, com outra chave, abriu a única gaveta. Tirou da gaveta uma caixa e da caixa tirou o vestido lilaz e estendeu-o em cima da cama.

Em seguida, tirou do armário o vestido novo e os novos sapatos e começou a vestir-se.

Depois de vestida, penteada, pintada e perfumada, olhou-se no espelho. Tendo visto que tudo estava como desejava, parou ao lado da sua cama, em frente do seu antigo vestido que fitou em silêncio. Por fim disse:

– Amanhã vou queimar este vestido.

E de novo guardou o vestido na caixa e a caixa na gaveta.

Quando ela apareceu no limiar da grande sala de baile, primeiro, ninguém acreditou no que via. Agora os vestidos de baile já não se usavam compridos até ao chão: a saia de Lúcia terminava um pouco acima das canelas. E os seus sapatos bordados de brilhantes viam-se bem. Algumas pessoas pararam de dançar.

Lúcia deu lentamente a volta à sala, mostrando o brilho dos seus passos. Murmúrios correram de boca em boca:

– Não é possível que sejam verdadeiros brilhantes!

– É uma imitação!

– É inacreditável!

– Mas são verdadeiros!

– São falsos concerteza!

– Mas nunca vi jóias falsas brilharem tanto!

Os sapatos brilhavam com mil luzes. E o seu fogo era tão límpido, tão puro e tão agudo que todos compreenderam que, de facto, Lúcia tinha vindo àquele baile com sapatos bordados de brilhantes verdadeiros.

Houve um primeiro movimento de espanto e quase de escândalo.

Mas Lúcia começou a dançar. Os seus passos traçavam círculos sucessivos de luz, fogo e brilho.

Todos os olhares a seguiam. O lume dos diamantes espalhara-se em toda a sua pessoa.

E à medida que a sua dança dava a volta à sala, Lúcia ia-se vendo de espelho em espelho. Cada espelho lhe dizia «tu». E ela sacudia os cabelos e batia as pestanas.

Era já o meio da noite quando disse a si própria: – Agora tenho de voltar àquela sala onde há vinte anos me fui esconder. Tenho de ver-me de novo no espelho que está atrás da porta, no espelho onde tive vergonha do meu reflexo.

E, como outrora, saiu da sala de baile, atravessou a entrada e penetrou na pequena sala que ficava à esquerda da escada. Como outrora essa sala estava vazia.

Lúcia fechou a porta atrás de si e virou-se para o espelho. Era o mesmo espelho, ainda lá estava. Mas também a mesma imagem lá estava ainda.

Todo o seu corpo gelou num momento de horror. O seu sangue parou de correr. Um grito ficou estrangulado na sua garganta. Viu-se no espelho. Viu-se e viu que o vestido que ela tinha vestido era ainda o mesmo, era ainda o antigo vestido lilaz.

E o vestido parecia encher a sala, espalhar-se no ar. A sua cor parecia erguer-se como uma palavra, parecia escorrer como um metal fundido.

Lúcia queria gritar mas o grito estava preso no seu pescoço.

Levou a mão à garganta.

Então o espelho, muito devagar começou a mexer-se. Girou lento sobre si mesmo e a porta abriu-se deixando entrar um homem.

Mas pareceu a Lúcia que ele não tinha entrado pela porta mas que tinha antes surgido do próprio espelho.

Era um homem de bela aparência e de ar exacto e brilhante. Tudo nele mostrava inteligência, poder, posse, domínio.

Inclinou-se ligeiramente, com ar amável, segurou o braço de Lúcia e disse:

– Vamos para a varanda.

Cá fora na varanda a sombra da noite era inquieta e pesada.

Lúcia respirou com esforço, sentou-se no banco de pedra e disse:

– Parece-me que não o conheço.

– Conheces – respondeu o desconhecido. – Desde há vinte anos.

Estivemos juntos nesta varanda, numa noite de Junho, há vinte anos. Foi aqui que nos conhecemos.

– Eu estive, aqui mas estava sozinha.

– Eu espiei-te. Vi-te.

– Vai-te embora – murmurou Lúcia.

Mas o homem respondeu:

– Há vinte anos, aqui, nesta varanda escolheste o outro caminho.

Eu sou o outro caminho.

– O que é que tu queres de mim agora?

– Quero o sapato do teu pé esquerdo.

– O sapato?

– Sim, o teu sapato.

– Não, não, não! – gritou Lúcia. – O sapato é meu. Ganhei-o. Fui eu que o ganhei. É o trabalho da minha vida inteira. É a minha vida.

– Dá-me o teu sapato, Lúcia.

Lúcia recuou com terror e disse:

– Não, o sapato, não.

– Ouve, Lúcia. Lembra-te: a partir daquela noite de há vinte anos tiveste uma vida maravilhosa. Nada te foi recusado, nunca mais sofreste uma humilhação. Outros sofreram, foram abandonados, humilhados, vencidos. Tu, não. Tu venceste sempre. Dá-me o teu sapato: é o preço do mundo.

– Não posso ficar no meio de um baile com um pé calçado e o outro descalço.

– Quando aqui te encontrei há vinte anos também tinhas um pé calçado e outro descalço. Mas eu penso em tudo. Não me esqueço de nada. Trouxe outro sapato para o teu pé esquerdo.

E dizendo isto o homem estendeu-lhe na mão um sapato.

Era um sapato de salto alto, forrado de seda azul, velho, miserável, esfarrapado.

Lúcia quis fugir mas o seu corpo estava rígido e ela não pôde mover nenhum dos seus membros. Quis gritar mas a sua voz estava muda.

O homem inclinou-se, tirou-lhe do pé o sapato de brilhantes e calçou-lhe o sapato de farrapos.

Quando ao clarear do dia encontraram Lúcia morta na varanda, ninguém quis acreditar no que via. Dizia-se:

– Não é possível, não pode ser.

Parecia inexplicável.

Mas veio o médico e constatou que a morte tinha sido causada por uma síncope cardíaca.

Era uma explicação.

O facto de ter desaparecido o sapato também era explicável: alguém que a vira morta ou julgara adormecida não tinha resistido à tentação dos brilhantes.

Mas o que era inexplicável era o facto dela ter no pé esquerdo um sapato forrado de seda azul, um sapato de aspecto miserável, roto e coberto de manchas esbranquiçadas de bolor!

Para isso nunca apareceu explicação.

O acontecimento foi discutido com paixão obcecada durante alguns meses. Depois foi esquecido.

1965 Sophia de Mello Breyner Andresen, “História da gata Borracheira” in *Histórias da Terra e do*